

# Comportamento Semanal de Mercado

23 a 30 de agosto



## Exageros?

A despeito da desancoragem das expectativas inflacionárias e do aquecimento da atividade econômica, com projeção do IPCA em 3,92% para 2025 e em 3,60% para 2026, o presidente do Banco Central (BC) alertou que os prêmios da curva futura de juros eram incompatíveis com a comunicação da autoridade monetária, sugerindo dessa forma que as apostas para o aperto da Selic poderiam conter exageros. Assinalou, ainda, que um eventual ciclo de alta de juros seria gradual.

Relativamente alinhada ao alerta, a mediana das projeções da Selic no Focus para o final de 2024 ainda se mantém em 10,50% a.a.. Entretanto, a distribuição mensal de frequência mostrou uma redução de 89,4% em 31/jul para 56,1% em 30/ago no percentual de respondentes que esperavam que a taxa básica de juros terminasse o ano entre 10,00% e 10,50%.

Ademais, mesmo com o IPCA-15 em linha com o esperado e alguma melhora qualitativa na sua composição, a probabilidade de manutenção da Selic em setembro caiu de 94,5% em 30/jul/24 para 14,34% em 30/ago/24 no mercado de opções da B3. Antecipando o aperto, a taxa real de juros ex-ante alcançou 7,58% a.a., com uma elevação de 0,27 p.p. na semana, superando em grande margem os 4,75% considerados como a taxa neutra pelo BC.

Confirmando o cenário de convergência gradual à meta de inflação de 2,0% e em linha com as expectativas, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) de julho nos EUA sancionou a redução da taxa básica de juros do Federal Reserve (Fed) em setembro. Embora o cenário base aponte para um pouso suave para a economia e, consequentemente, obrigando uma postura menos agressiva na política monetária. Na sexta-feira, a ferramenta *FedWatch* do CME Group indicava: 44,8% de chance de um corte de -1,00 p.p. até o final do ano; 30,0% de uma redução de -0,75 p.p.; e de 21,8% de uma queda de -1,25 p.p.. Com o provável alívio gradual, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional.

Fechando a semana cotado a R\$ 5,61, o dólar subiu 2,61% no período, a despeito da alteração no modo de atuação do BC: (i) vendendo US\$ 1,5 bilhão no mercado à vista; e (ii) ofertando US\$ 1,5 bilhão em contratos de swap cambial fora das renovações tradicionais. Contribuiu para esse avanço o fortalecimento do dólar no mercado internacional e fatores técnicos como a rolagem de posições na B3 e a formação da última taxa PTAX de agosto. No que tange à venda no mercado spot, a motivação para a intervenção teria sido a saída de mais de US\$ 1,0 bilhão em razão do rebalanceamento do EWZ (MSCIBrazil).

Para a semana que se adentra, a atenção estará voltada para a divulgação do payroll, assim como o livro Bege que deverá dar maiores detalhes da atividade econômica entre setores e regiões. Adicionalmente, serão importantes as divulgações dos dados do mercado de veículos, balança comercial e IGP-DI, além dos PMIs manufatura e serviços nos EUA, Zona do Euro e China, e as vendas no varejo e o PIB da Zona do Euro.

## Expectativas

Em consonância com o que se esperava e alguma melhora qualitativa na composição do IPCA-15 de agosto, o IPCA de agosto indicado pelo Boletim Focus caiu -0,01 p.p. na semana para 0,04%. Já o de setembro elevou-se em 0,03 p.p. para 0,30%, e o de outubro permaneceu em 0,30%. Entretanto, a mediana das projeções para o IPCA de 2024 subiu de 4,25% para 4,26% (4,12% há 4 semanas). Dentro do horizonte relevante para a política monetária, a projeção para 2025 reduziu-se de 3,93% para 3,92% (3,98% há 4 semanas), enquanto a de 2026 permaneceu em 3,60% por 13 edições consecutivas.

Os prêmios de risco na curva da inflação implícita, construída com base nos preços das NTN-Bs, apresentaram altas significativas na semana: de 0,37 p.p. para 4,88% para o prazo de 1 ano; de 0,31 p.p. para 4,99% para o de 2 anos; e de 0,29 p.p. para 5,15% para o de 3 anos.

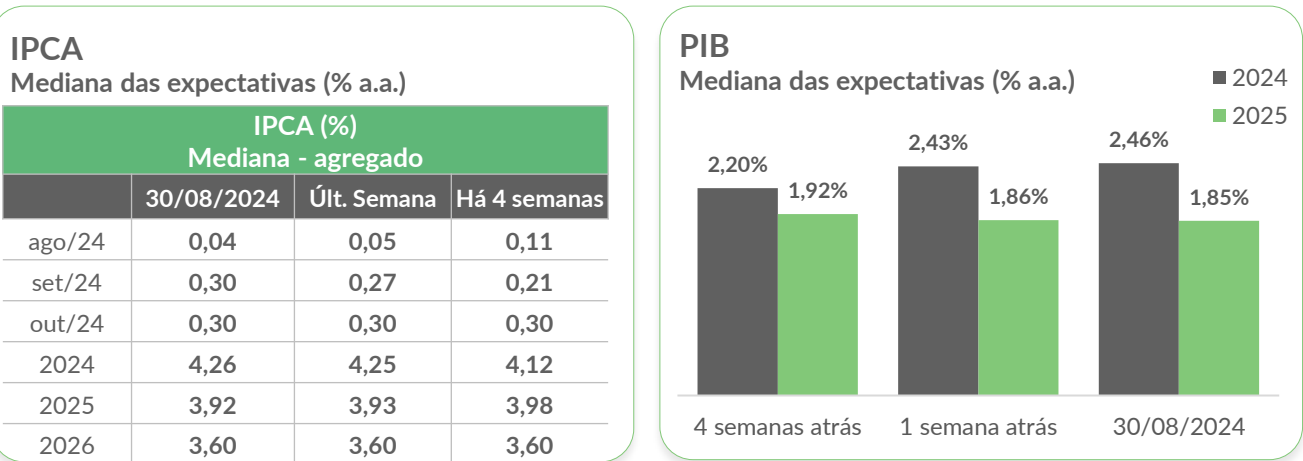
Relativamente alinhada ao alerta do presidente do BC de que os prêmios da curva futura de juros eram incompatíveis com a comunicação da autoridade monetária, mas dissonante das apostas dos operadores do mercado financeiro, a mediana das projeções da Selic no Focus para o final de 2024 manteve-se em 10,50% a.a., o mesmo patamar por 11 semanas. Contudo, a pesquisa mensal com as distribuições de frequência mostrou que o percentual de respondentes que esperavam que a Selic terminaria o ano entre 10,00% e 10,50% reduziu-se de 89,4% em 31/07 para 56,1% em 30/08. Sem alterações, as projeções para a Selic para 2025 continuaram em 10,00% a.a. (9,75% a.a. há 4 semanas) e em 9,50% a.a. para 2026 (9,00% há 4 semanas).

Com o bom desempenho da atividade disseminado em diferentes setores, o Focus elevou as projeções para o crescimento do PIB em 2024 para 2,46%, ante 2,43% na semana anterior (2,20% há 4 semanas). As distribuições de frequência mensais ratificaram esse cenário, com as estimativas do PIB entre 2,42% e 2,76% ampliando-se de 9,7% 31/07 para 51,8% em 30/08.

Com o recrudescimento das chances de um novo aperto na taxa básica de juros, a estimativa do PIB para 2025 diminuiu de 1,86% para 1,85% (1,92% há 4 semanas). Para 2026, as projeções acomodaram-se em 2,00% por 56 semanas sucessivas.

A despeito da recente volatilidade no mercado à vista, não houve grandes modificações nas medianas das projeções do mercado de câmbio na semana. Para o final de 2024, a taxa de câmbio passou de R\$/US\$ 5,32 para R\$/US\$ 5,33 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas), enquanto para 2025 manteve-se estável em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas) e para 2026 elevou-se de R\$/US\$ 5,25 para R\$/US\$ 5,28 (R\$/US\$ 5,25 há 4 semanas).

Mesmo com a deterioração na percepção da evolução das contas públicas, a estimativa do déficit primário para 2024 cedeu de -0,65% para -0,60% do PIB e para 2025 de -0,77% para -0,76%, projeções que superam a meta do arcabouço fiscal. Por sua vez, também em relação ao PIB, a estimativa para 2026 ampliou-se de -0,50% para -0,65% e de -0,40% para -0,50% para 2027.



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

## Economia Internacional

Confirmando o cenário de convergência gradual à meta e em linha com as expectativas, o PCE nos EUA aumentou 0,2% no mês em julho, após avançar 0,1% em jun/24. Apesar de que a taxa anualizada fosse mantida em 2,5% a.a., como em jun/24, a média anualizada das últimas 3 leituras apontou para um número inferior à meta de 2,0%.

A medida de núcleo, que exclui os preços de alimentos e energia, subiu 0,2%, a mesma elevação que foi verificada em jun/24. Em termos anualizados, a expansão de 2,6% a.a., igualou-se à taxa de jun/24, porém ficando abaixo da esperada pelo mercado (2,7% a.a. pela FactSet). No que tange aos gastos com consumo, os números arrefeceram os temores quanto a um processo recessivo. Houve em julho um aumento sólido de 0,5%, superando as estimativas de mercado (+0,3% pela FactSet). A renda pessoal cresceu 0,3% no período, também acima do previsto (+0,2% pela FactSet).

Na semana finda em 24/08, o total dos pedidos semanais por seguro-desemprego era de 231 mil, com queda de -2 mil na comparação com a semana anterior. Porém, o número superou levemente a expectativa de alguns analistas (230 mil). A média móvel de 4 semanas foi de 231,5 mil, uma queda de -4.750 em relação à média revisada da semana anterior.

Ratificando a força da atividade, a 2ª estimativa do crescimento do PIB do 2T24 nos EUA mostrou uma aceleração de 1,4% a.a. no 1T24 para 3,0% a.a., superando os 2,8% a.a. da 1ª parcial e do consenso dos analistas da LSEG. O movimento contemplou os crescimentos nos gastos do consumidor, os investimentos em estoques privados e o investimento fixo não residencial, além do aumento das importações.

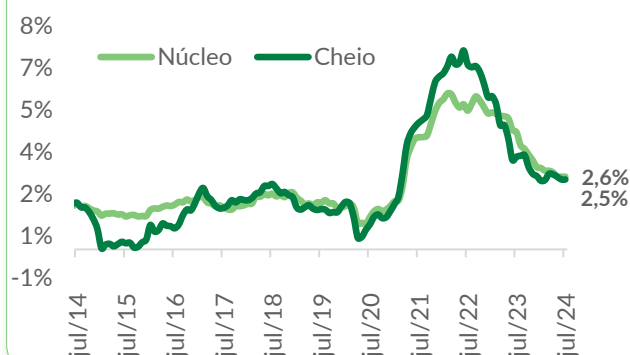
As encomendas por bens duráveis cresceram 9,9% em julho na comparação mensal, para US\$ 289,6 bilhões (+5,0% pela FactSet). Adicionalmente, a queda em jun/24 foi revisada de -6,6% para -6,9%. A confiança dos consumidores aumentou de 101,9 em jul/24 para 103,3 em agosto, superando as projeções. Na abertura, as avaliações dos consumidores sobre a situação atual do trabalho, embora ainda positivas, continuaram enfraquecendo, e as do mercado de trabalho no futuro foram mais pessimistas.

Já o mercado imobiliário continua debilitado. As vendas pendentes de imóveis caíram ao menor patamar da série em julho, com os preços e custos de empréstimos mais altos afastando os compradores potenciais do mercado. As vendas apresentaram recuo de -5,5% na margem.

Na Zona do Euro, a inflação de preços ao consumidor (CPI) desacelerou de 2,6% a.a. em jul/24 para 2,2% a.a. na preliminar de agosto, atingindo o menor nível desde jul/21 e aproximando-se da meta de 2,0% do Banco Central Europeu (BCE). A medida de núcleo, que desconsidera os preços de energia e alimentos, desacelerou de 2,9% a.a. em jul/24 para 2,8% a.a. em agosto, elevando as apostas de um novo corte de juros pelo BCE em setembro.

A taxa de desocupação caiu de 6,5% em jun/24 para 6,4%. O índice de sentimento econômico, que mede a confiança de setores corporativos e dos consumidores, cresceu de 96,0 em jul/24 para 96,6 em agosto (95,7 pela FactSet). Houve melhora na confiança da indústria, serviços e varejo, contudo, os consumidores estão menos otimistas.

**EUA - Índice de Gastos com Consumo (PCE)**  
Variação anual



Fonte: Bloomberg . Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

A inflação medida pelo PCE de julho nos EUA sacramentou a redução da taxa básica de juros pelo Fed em setembro. Embora o cenário base aponte um pouso suave para a economia e, consequentemente, obrigando uma postura menos agressiva na política monetária, a magnitude do corte dependerá das informações do relatório de empregos (*payroll*), que será divulgado na próxima sexta-feira.

Na sexta-feira (30/08), a ferramenta *FedWatch* do CME Group apontava 44,8% de chance de um corte de -1,00 p.p. até o final do ano, 30,0% de uma redução de -0,75 p.p. e de 21,8% de uma queda de -1,25 p.p.. Para a próxima reunião, as apostas são de: de 70,0% para um corte de -0,25 p.p. e de 30,0% para um de -0,50 p.p..

Na semana, houve elevação na inclinação da estrutura a termo das taxas de juros (ETTJ), com os retornos das *T-Notes* fechando com aumentos de 0,01 p.p. para 3,91% a.a. para o vértice de 2 anos, de 0,06 p.p. para 3,71% a.a. para o de 5, de 0,10 p.p. para 3,91% a.a. para o de 10 e de 0,10 p.p. para 4,20% para o de 30 anos.

A expectativa pelo início da flexibilização monetária nos EUA, conjuntamente com a força da atividade econômica, favoreceu o desempenho das principais bolsas internacionais, com a semana encerrando com elevações de: 0,94% no Dow Jones; 0,24% no S&P 500; 0,59% no FTSE 100; 1,47% no DAX 40; e de 0,74% no Nikkei 225. As exceções ficaram para as retrações de: -0,92% na Nasdaq, refletindo a queda nas ações da Nvidia com o impacto no setor de inteligência artificial; e de -0,43% em Xangai, com o pessimismo quanto à evolução da economia chinesa.

Apesar dos temores com a demanda global, a cotação da saca de soja negociada em Chicago subiu 3,15% na semana, enquanto o preço do minério de ferro na bolsa de Qingdao aumentou 4,67%. Por sua vez, a cotação do barril de petróleo tipo Brent caiu -0,28% para US\$ 78,80, refletindo o corte de produção na Líbia, importante produtor, e o recrudescimento das tensões no Oriente Médio.

Na seara interna, os ruídos na comunicação oficial da política monetária e um déficit primário do governo geral em julho pior que o esperado, podem ter tido impacto na precificação do risco soberano brasileiro medido pelo CDS de 5 anos, que subiu 7,21 bps., para 150,45 bps.. Todavia, o Ibovespa manteve sua trajetória crescente, com uma alta de 0,29% no período, voltando ao patamar dos 136 mil pontos.

### Bolsas Internacionais

| Bolsas     | Em pts     | Variação |        |          |
|------------|------------|----------|--------|----------|
|            | 30/08/2024 | Semana   | Mês    | 12 meses |
| Bovespa    | 136.004    | 0,29%    | 7,82%  | 17,51%   |
| Nasdaq     | 17.714     | -0,92%   | 3,30%  | 26,21%   |
| S&P        | 5.648      | 0,24%    | 3,90%  | 25,31%   |
| Dow Jones  | 41.563     | 0,94%    | 2,01%  | 19,70%   |
| FTSE 100   | 8.377      | 0,59%    | 1,24%  | 12,60%   |
| DAX 40     | 18.907     | 1,47%    | 2,69%  | 18,56%   |
| Nikkei 225 | 38.648     | 0,74%    | 0,32%  | 18,48%   |
| Xangai     | 2.842      | -0,43%   | -1,29% | -8,90%   |

### T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Câmbio

Contando com a contribuição da aposta preponderante de que o Fed opte por um alívio mais gradual na política monetária, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. Termômetro desse comportamento em relação a uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, o DXY fechou a semana em 101,70 pontos, com um avanço de 0,97% no período, refletindo as depreciações de 1,30% no euro e de 0,66% na libra esterlina.

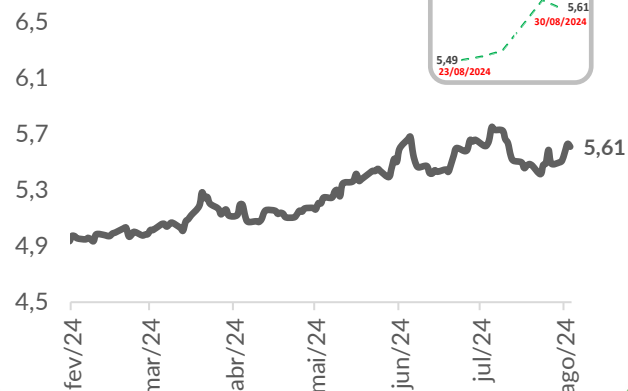
Em consonância, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,75% no período, com destaques para as depreciações de 3,72% no peso colombiano, de 3,23% no peso mexicano, de 0,65% no rand sul-africano e de 0,56% no peso argentino, além das apreciações de 1,13% no rublo russo e de 0,03% na rúpia indiana.

Fechando a semana cotado a R\$ 5,61, o dólar subiu 2,19% no período e registrou uma leve queda de -0,35% na sexta-feira, com a atuação do BC: (i) vendendo US\$ 1,5 bilhão no mercado à vista; e (ii) ofertando US\$ 1,5 bilhão em contratos de *swap* cambial, dos quais apenas US\$ 765 milhões foram negociados.

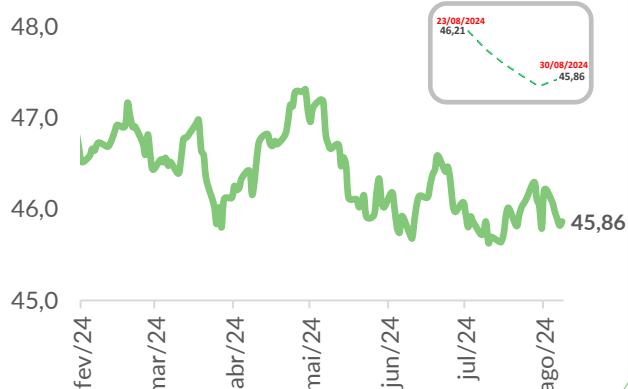
Contribuiu para esse avanço: o fortalecimento do dólar no mercado internacional de câmbio; e fatores técnicos como a rolagem de posições na B3 e a formação da última taxa PTAX de agosto. No que tange à venda no mercado spot, a motivação para a intervenção teria sido a saída de US\$ 1,0 bilhão em razão do rebalanceamento do EWZ (MSCIBrazil), com a entrada das ações do Nubank e XP. Como foi aceita apenas 1 proposta com valor integral, parece ter atendido uma demanda específica, mitigando a volatilidade na formação da PTAX.

O BC anunciou, ainda, para esta segunda-feira, um leilão de *swaps* cambiais, no montante restante de US\$ 735 milhões. Com início de vigência em 03/set/24, os derivativos vencem em 05/mar/25 e 01/ago/25. Ademais, realizou a oferta de US\$ 600 milhões para a rolagem dos vencimentos de 01/out/24. Por fim, na semana entre os dias 19 e 23 de agosto, o fluxo cambial ficou negativo em US\$ -2,66 bilhões, decorrente das saídas de US\$ -942,0 milhões na conta comercial e de US\$ -1,72 bilhão na conta financeira.

### Real/US\$



### Índice de Emergentes\*\*



### Dollar Index\*



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

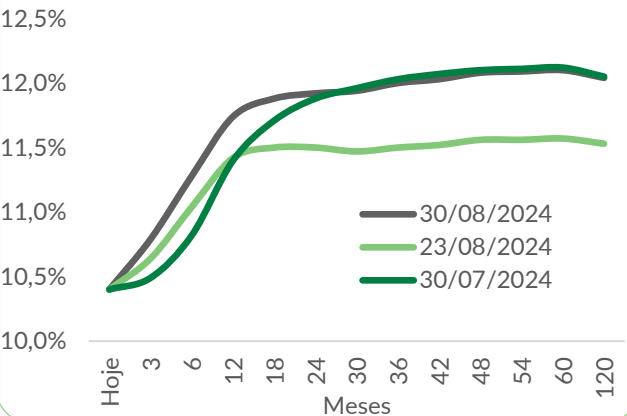
O presidente do BC, Roberto Campos Neto, alertou que os prêmios da curva futura de juros estariam incompatíveis com a comunicação da autoridade monetária, sugerindo que as apostas para o aperto da Selic eram exageradas, assinalando que um eventual início ciclo de alta de juros seria gradual. Contudo, as afirmações tiveram pouco impacto na persuasão dos investidores. No mercado de opções da B3, a aposta amplamente majoritária em 30/08 era de elevação na Selic em setembro, com probabilidades: 14,34% de manutenção; 42,60% de +0,25 p.p.; 39,50% de + 0,50 p.p.; de 2,00% de +0,75 p.p.; e de 1,00% para +1,00 p.p..

Ademais, as declarações não impediram a elevação nos prêmios dos vértices de médio e longo prazo da ETTJ, refletindo a alta dos juros dos *Treasuries* e do dólar e as preocupações com a evolução das contas públicas. Na comparação com a semana anterior, a taxa de juros para 3 meses aumentou de 10,64% a.a. para 10,79% a.a., a de 6 meses de 11,04% a.a. para 11,28% a.a., a de 1 ano de 11,42% a.a. para 11,74% a.a.. Com maior intensidade, o vértice para 2 anos elevou-se de 11,50% a.a. para 11,92% a.a., o de 3 anos de 11,50% a.a. para 12,00% a.a., o de 4 anos de 11,56% a.a. para 12,08%, o de 5 anos de 11,57% a.a. para 12,10% a.a. e o de 10 anos de 11,53% a.a. para 12,04% a.a..

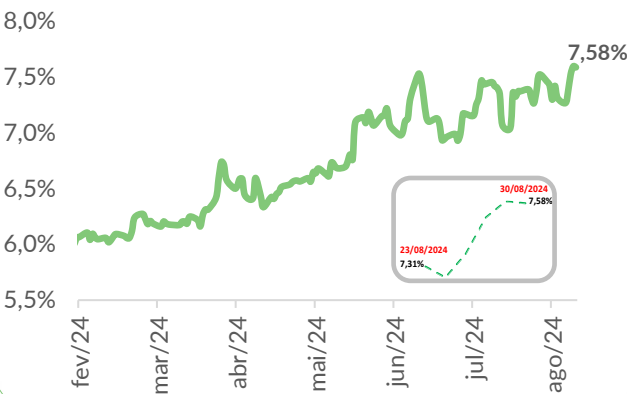
Paralelamente à elevação da taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias, a inflação esperada para os próximos 12 meses subiu em 0,04 p.p. para 3,87%, levando a taxa real de juros *ex-ante* a 7,58% a.a., o que representou uma elevação de 0,27 p.p. no período, adentrando-se ainda mais em nível contracionista, quando comparado aos 4,75% considerados como neutro para o BC.

Finalizando, a medida de inclinação calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, elevou-se na semana em 0,19 p.p., para 0,30 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, subiu 0,15 p.p., para 0,47 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

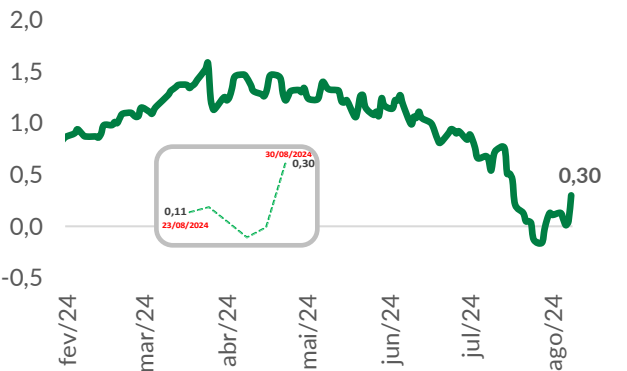


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

## IPCA-15 - Ago/24

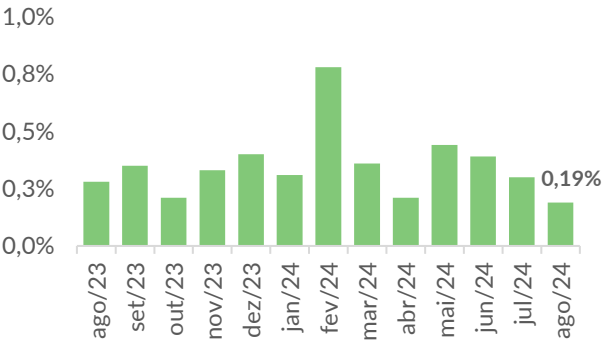
A despeito da depreciação cambial e da elevação nos preços dos combustíveis e graças ao alívio nos preços de serviços e de alimentação, o IPCA-15 desacelerou de uma alta de 0,30% em jul/24 para 0,19% em agosto (0,19% pelo Broadcast). Com alguma melhora qualitativa, a alta reduziu-se de 4,45% a.a. em jul/24 para 4,35% a.a. (4,24% a.a. em ago/23).

Com impacto de +0,17 p.p. na variação mensal, o grupo Transportes teve alta de 0,83%, impulsionado pelo aumento dos combustíveis (3,47%), sobretudo da gasolina (3,33%) e etanol (5,81%). Educação teve um incremento de 0,75% (+0,05 p.p.), alavancado por cursos regulares (0,77%). Ademais, houve altas de: 0,71% em Artigos de Residência (+0,03 p.p.); 0,43% em Despesas Pessoais (+0,04 p.p.); 0,27% em Saúde e Cuidados Pessoais (+0,04 p.p.); 0,18% em Habitação (+0,03 p.p.); 0,09% em Vestuário (0,00 p.p.); e de 0,09% em Comunicação (0,00 p.p.).

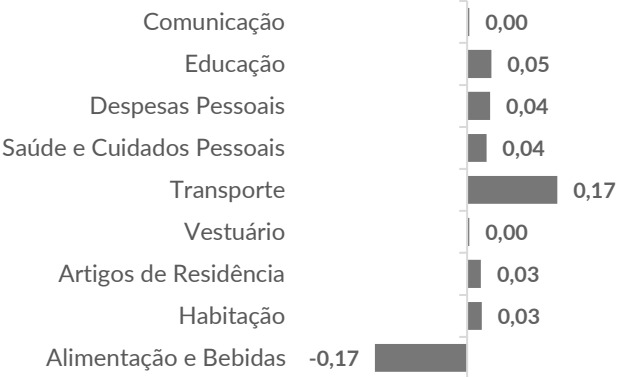
Por sua vez, o grupo de Alimentação e Bebidas recuou -0,80% na margem (-0,17 p.p.), com uma queda mais acentuada na alimentação no domicílio (-1,30%), ajudada pela redução nos custos com tomate (-26,59%), cenoura (-25,06%) e batata (-13,13%).

Com uma melhora na composição, a média dos 5 núcleos monitorados pelo BC desacelerou de 3,75% a.a. em jul/24 para 3,70% a.a., segundo cálculos da MCM Consultores. Já a média móvel trimestral (MM3) anualizada da série dessazonalizada cedeu de 6,20% a.a. em jul/24 para 6,06% a.a.. Nos critérios do BC, a inflação da alimentação reduziu-se significativamente, de 6,25% a.a. em jul/24 para 1,79% a.a. e a de serviços de 5,62% a.a. para 4,84% a.a.. Em contrapartida, a dos produtos industriais acelerou de 3,79% a.a. para 5,44% a.a., sentindo os efeitos do repasse cambial.

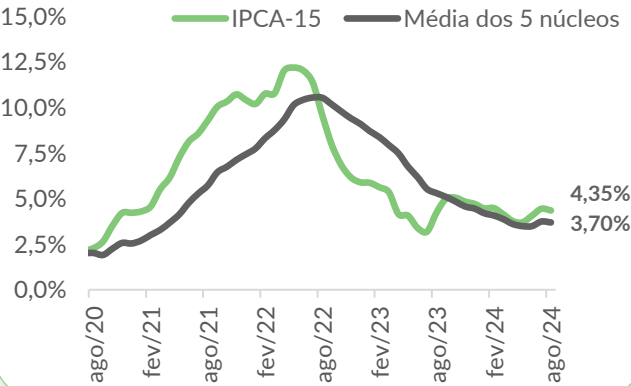
Variação Mensal  
Com ajuste sazonal



Contribuição Mensal  
Por grupo - em p.p.



Evolução Anual  
Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## IGP-M- Ago/24

O IGP-M reduziu a alta mensal de 0,61% em jul/24 para 0,29% em agosto (+0,45% pelo Valor Data). Com isso, a variação em 12 meses do índice acelerou de 3,82% a.a. para 4,26% a.a. (-7,20% a.a. em ago/23).

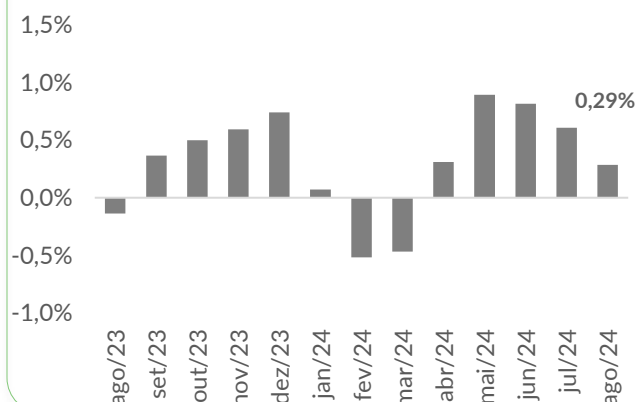
Os 3 indicadores que compõe o IGP-M apontaram desaceleração na margem. Favorecida pela redução no preço das commodities - como minério de ferro, farelo de soja e feijão - a alta do Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) reduziu-se de 0,68% em jul/24 para 0,29%. Por estágios de processamento, os preços dos Bens Finais passaram de uma queda de -0,02% em jul/24 para -0,10% em agosto, os dos Bens Intermediários variaram de um aumento de 0,91% para 0,93%, enquanto os das Matérias-Primas Brutas passaram de uma alta de 1,14% para uma queda de -0,05%.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) variou 0,09% no mês, desacelerando em relação à taxa de 0,30% observada em jul/24. O maior impacto mensal veio do grupo Educação, Leitura e Recreação, com redução na variação de 2,00% para 0,48%, beneficiada pela diminuição nas passagens aéreas. Apresentaram também desaceleração: Habitação (0,36% para -0,08%); Alimentação (-0,84% para -1,11%); Despesas Diversas (1,37% para 0,99%); Saúde e Cuidados Pessoais (0,19% para 0,07%); e Vestuário (-0,16% para -0,17%). Em contrapartida, os grupos de Transportes (0,64% para 1,22%) e Comunicação (0,04% para 0,19%) apontaram avanços.

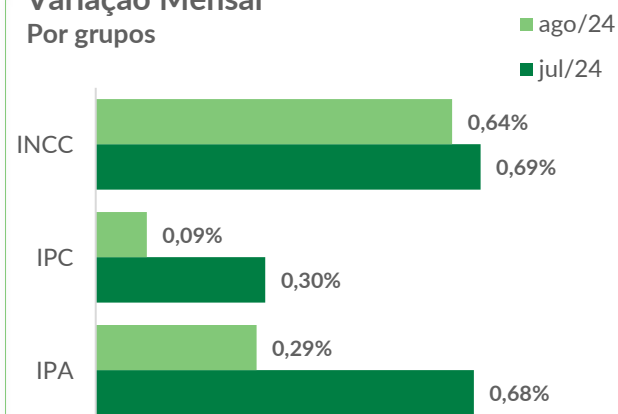
O índice Nacional de Custos da Construção (INCC) registrou uma alta de 0,64% em agosto, ante 0,69% em jul/24, resultado de uma menor pressão inflacionária em serviços e mão de obras. Entre seus grupos contribuintes, observou-se as seguintes variações: Materiais e Equipamentos avançaram de 0,58% para 0,76%; Serviços recuaram de 0,65% para 0,05%; e Mão de Obra desaceleraram de 0,85% para 0,57%.

Considerando-se a variação anual: o IPA variou de 3,72% a.a. em jul/24 para 4,20% a.a. em agosto; o IPC de 3,90% a.a. para 4,19% a.a.; e o INCC de 4,42% a.a. para 4,84% a.a..

### Variação Mensal



### Variação Mensal Por grupos



### Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

## Emprego- Jul/24

Decorrente de 2.187.633 admissões e 1.999.612 demissões, o Novo Caged registrou a abertura de 188.021 postos de trabalho em julho (190.250 pelo Broadcast). Apesar da queda em relação a criação líquida de 205.905 vagas observadas em jun/24, o número representou o melhor saldo para o mês desde 2022 e superou a abertura de 142.107 postos de trabalho em jul/23.

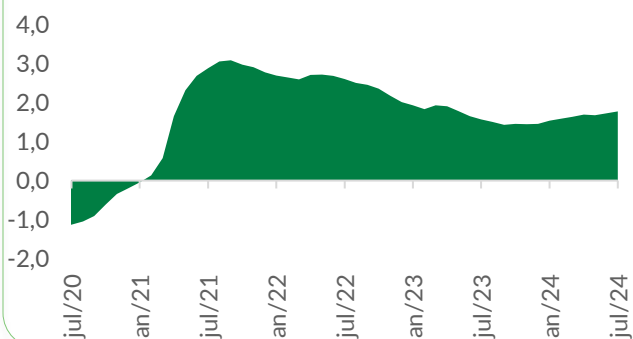
Analisando-se o saldo mensal de empregos formais por agrupamento de atividade econômica: 79.167 em serviços; 49.471 em indústria; 33.003 em comércio; 19.694 em construção; e 6.688 em agropecuária. O salário médio real de admissão apontou uma alta de 1,08% na margem para R\$ 2.161,37 e de 2,19% em relação a jul/23.

Mantendo resultados favoráveis ao longo do ano, com queda na desocupação e expansão contínua do contingente de trabalhadores, os dados da Pnad Contínua solidificaram o bom momento do mercado de trabalho. No trimestre de mai/24 a julho, a taxa de desemprego recuou de 7,5% no período entre fev/24 a abr/24 para 6,8% (6,8% pelo Valor Data), a menor taxa para o período desde o início da série histórica, iniciada em 2012.

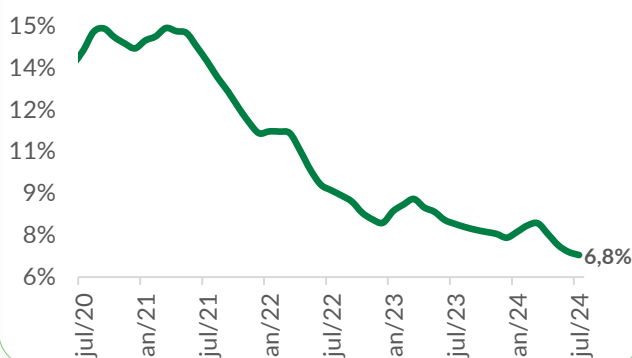
A população desocupada caiu para 7,4 milhões, menor número desde o trimestre encerrado em jan/15, representando retrações de -9,5% no trimestre e de -12,8% na comparação anual. Com aumento de 1,2% no trimestre e de 2,7% no comparativo anual, o total de trabalhadores ocupados atingiu 102,0 milhões.

No que tange à remuneração, o rendimento médio habitual real apontou alta de 0,7% no trimestre e de 4,8% a.a., atingindo R\$ 3.206. Na mesma base comparativa, a massa de rendimento cresceu 1,9% no trimestre e 7,9% a.a..

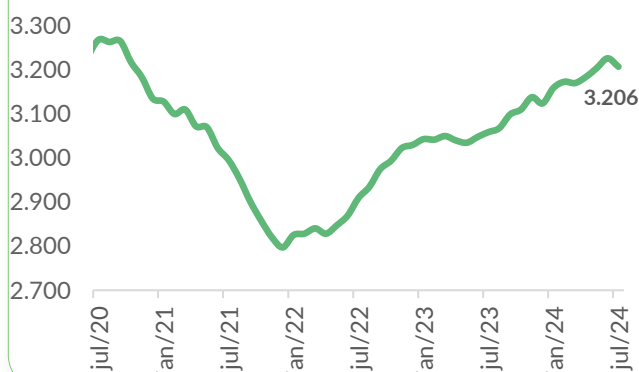
**Caged: Geração de Empregos**  
Acumulada em 12 meses – em milhões  
Com declarações fora do prazo



**Pnad: Taxa de Desemprego**  
Trimestre móvel – em % da população ativa



**Pnad: Rendimento Médio Habitual**  
De todos os trabalhos – em R\$



Fonte: MTE | IBGE.. Elaboração ABBC

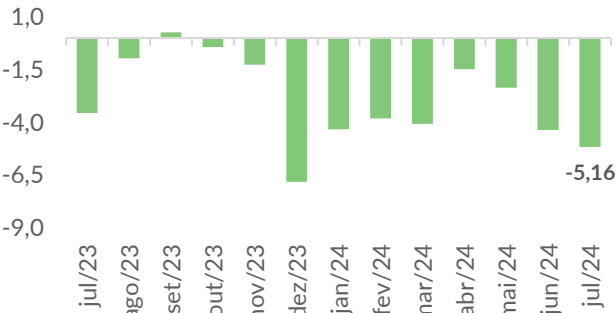
## Transações Correntes – Jul/24

Com um déficit maior do que o esperado (US\$ - 4,35 bilhões nas Projeções Broadcast), o saldo de transações correntes em julho foi de US\$ - 5,16 bilhões, ante US\$ -4,36 bilhões em jun/24 (US\$ -3,56 bilhões em jul/23). Por sua vez, o superávit da balança comercial aumentou na margem de US\$ 5,72 bilhões em jun/24 para US\$ 7,07 bilhões (US\$ 7,59 bilhões em jul/23). Ao mesmo tempo, o déficit da conta de serviços ampliou-se de US\$ -4,14 bilhões em jun/24 para US\$ -4,75 bilhões (US\$ -3,16 bilhões em jul/23). Já o déficit da conta de renda primária aumentou de US\$ -6,17 bilhões em jun/24 para US\$ -7,83 bilhões (US\$ -8,22 bilhões em jul/23).

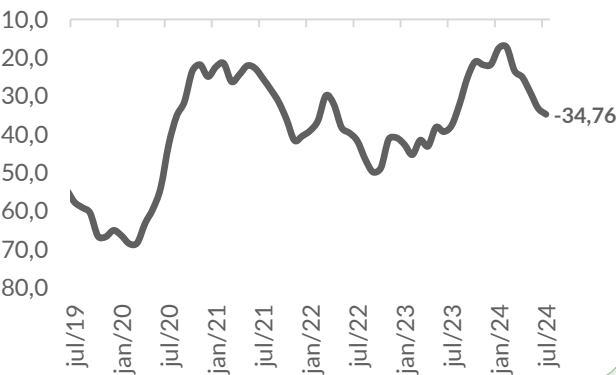
No acumulado do ano, o déficit nas contas externas alcançou US\$ -25,55 bilhões, marcando o pior saldo negativo para o período desde 2019 (US\$ -36,28 bilhões), bem acima dos US\$ -12,54 bilhões observados em igual intervalo de 2023. Como fruto do bom dinamismo da atividade econômica, as principais contribuições para o aumento foram: a conta de serviços; a redução no superávit da balança comercial; e a conta de renda primária.

Entretanto, as contas externas se mantêm em nível confortável, com o déficit acumulado em 12 meses permanecendo em um patamar relativamente contido, de US\$ -34,76 bilhões (-1,56% do PIB), amplamente financiado pela entrada de investimento direto no país (IDP). Em julho, o indicador que congrega os recursos destinados à participação no capital, os empréstimos diretos concedidos por matrizes de empresas multinacionais às suas filiais e o retorno de investimentos de brasileiros no exterior, somou US\$ 7,26 bilhões, totalizando US\$ 71,79 bilhões em 12 meses (3,23% do PIB).

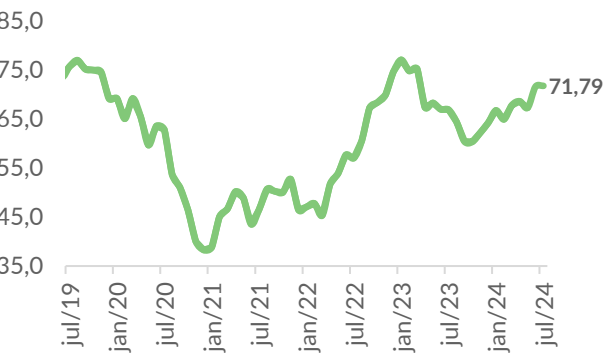
TC – Saldo Mensal  
Em US\$ bilhões



TC – Acumulado em 12 meses  
Em US\$ bilhões



IDP – Saldo Acumulado em 12 meses  
Em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

## Estatísticas Fiscais – Jul/24

A despeito dos resultados positivos com a arrecadação federal, o setor público consolidado registrou um déficit primário de R\$ -21,35 bilhões em julho, ante R\$ -40,87 bilhões em jun/24 (R\$ -35,81 bilhões em jul/23), superando as expectativas de mercado (R\$ -6,70 bilhões pelas Projeções Broadcast). O resultado adveio dos déficits de R\$ -8,62 bilhões no governo central, de R\$ -11,04 bilhões dos governos regionais e de R\$ -1,69 bilhão das empresas estatais.

Influenciados pelos resultados das operações com swap cambial, os gastos com juros nominais apropriados por competência reduziram-se de R\$ 94,85 bilhões em jun/24 para R\$ 80,12 bilhões (R\$ 46,10 bilhões em jul/23), levando o déficit nominal recuar de R\$ 135,72 bilhões em jun/24 para R\$ 101,47 bilhões (R\$ 81,91 bilhões em jul/23).

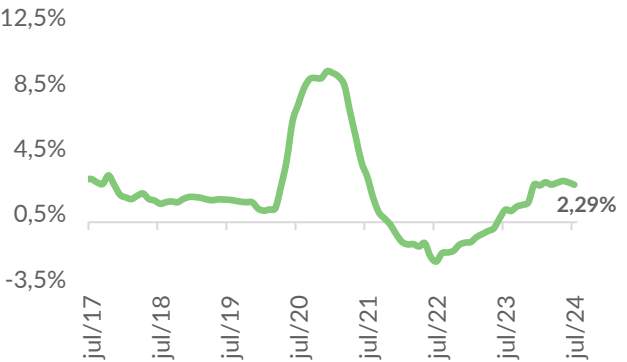
No ano, o setor público consolidado acumulou um resultado primário negativo de R\$ -64,80 bilhões, contra um déficit de R\$ -56,18 bilhões em igual intervalo de 2023. No acumulado em 12 meses, o déficit primário reduziu-se de 2,44% do PIB em jun/24 para 2,29% (-0,76% do PIB em jul/23). Na mesma base comparativa, a conta de juros nominais encerrou em 7,74% do PIB, ante 7,48% em jun/24 (6,07% em jul/23). Por sua vez, o déficit nominal fechou em -10,03% do PIB contra -9,92% em jun/24 (-6,83% do PIB em jul/23).

Finalizando, a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) acumulada em 12 meses, como proporção do PIB, recuou -0,27 p.p. no mês, mas com crescimento de 3,37 p.p. em 12 meses, para 61,90%. Já a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) acumulada em 12 meses aumentou 0,67 p.p. no mês e 5,75 p.p. em 12 meses, finalizando em 78,48% do PIB.

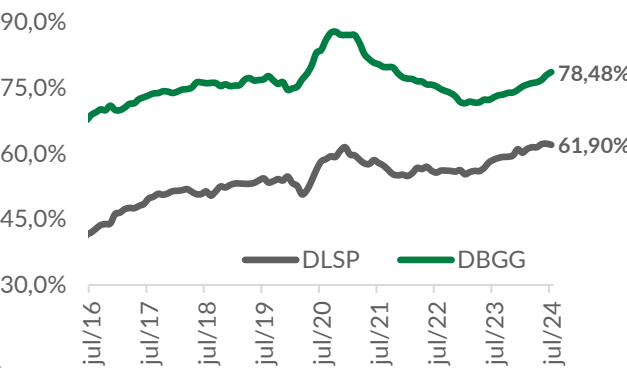
Déficit Primário Mensal – Em R\$ bilhões



Déficit Primário Acumulado em 12 meses – em % do PIB



Evolução da Dívida Em relação ao PIB



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

## Sondagens de Confiança FGV- Ago/24

As sondagens de confiança da FGV apresentaram, na maioria, variações positivas no mês de agosto, na série livre de influências sazonais. Do lado das empresas, o indicador para serviços avançou 0,4 pt., para 94,6 pts., o maior resultado desde abr/24. A baixa taxa de desemprego e a melhora da renda contribuem para o momento mais seguro da demanda. No entanto, o fim do ciclo de queda da taxa de juros colaborou com o comportamento mais reticente dos empresários.

Como o único indicador com queda no mês, a confiança do comércio recuou -1,8 pts., para 89,1 pts.. Após um bom início de 2024, o setor enfrenta cenário incerto no 2º semestre com o comportamento da Selic e risco inflacionário impactando o consumo.

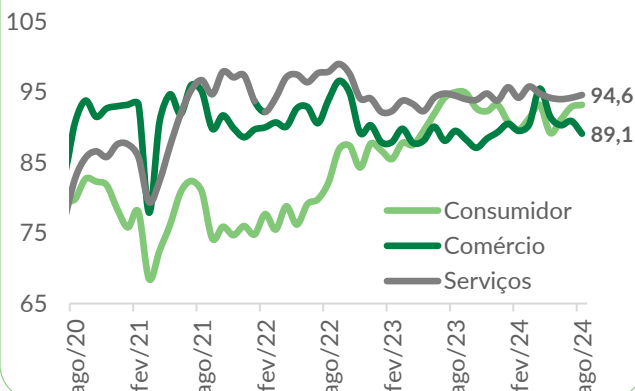
A despeito das incertezas quanto à evolução do cenário para os juros e as preocupações em torno dos impactos da reforma tributária em termos de custos, a confiança da construção aumentou 0,2 pt. em agosto, para 97,5 pts., seu 4º crescimento seguido. Os fundamentos setoriais seguem positivos, com as empresas confiantes em relação aos próximos meses.

Já o indicador para a indústria apresentou estabilidade no mês, após 4 altas consecutivas, permanecendo em 101,7 pts.. Apesar do fim do ciclo de queda da taxa Selic, indicadores de trabalho e renda positivos contribuem para o otimismo no setor, no entanto, aponta cautela para possível pressão de custos.

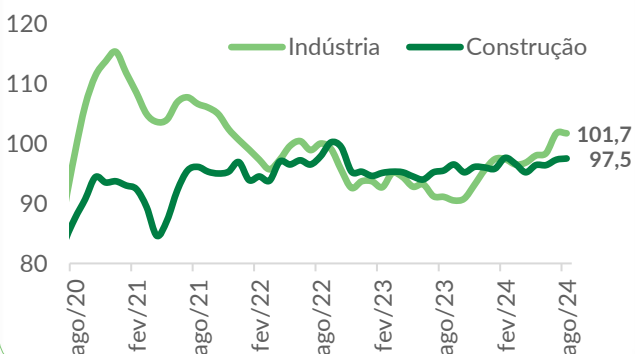
Dentre os consumidores, a confiança apontou alta de 0,3 pt. em agosto, para 93,2 pts., representando sua 3ª alta consecutiva, apesar de ritmo mais lento. O resultado foi puxado tanto pela melhora das percepções sobre o presente como das expectativas futuras. Resiliência da atividade doméstica, somada a um mercado de trabalho aquecido e inflação sob controle, sustentam a confiança do consumidor, apesar de seu crescimento menos acentuado indicar cautela no futuro.

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apresentou resultados distintos no mês. Para indústria variou -0,1 pt., para 83,3 pts. e para a construção subiu 0,5 pt., para 80,0 pts.

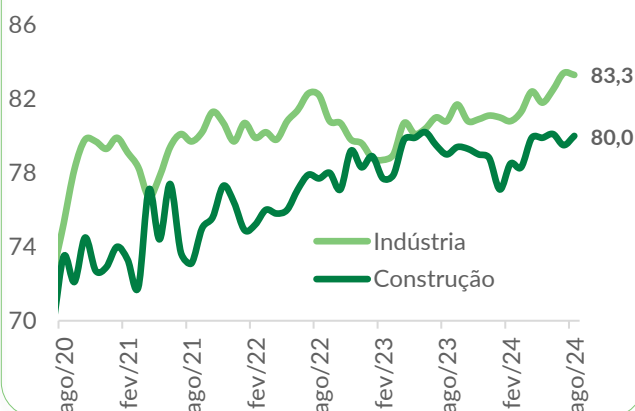
### Índices de Confiança Dessazonalizados



### Índices de Confiança Dessazonalizados



### Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

| Indicadores                               | 2015  | 2016  | 2017  | 2018  | 2019  | 2020  | 2021  | 2022  | 2023  | 2024E |
|-------------------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Atividade, Inflação e Juros               |       |       |       |       |       |       |       |       |       |       |
| PIB Real (% a/a)                          | -3,55 | -3,28 | 1,32  | 1,78  | 1,2   | -3,9  | 4,6   | 2,9   | 2,9   | 2,3   |
| Crédito (% a/a)                           | 7,00  | -3,50 | -0,40 | 5,10  | 6,4   | 15,6  | 16,5  | 14,0  | 7,9   | 10,1  |
| Desocupação (% fim de período)            | 9,10  | 12,20 | 11,90 | 11,70 | 11,1  | 14,2  | 11,1  | 7,9   | 7,4   | 6,9   |
| IPCA (% a/a, fim de período)              | 10,67 | 6,29  | 2,95  | 3,75  | 4,3   | 4,5   | 10,1  | 5,8   | 4,6   | 4,2   |
| IGP-M (% a/a, fim de período)             | 10,54 | 7,17  | -0,52 | 7,54  | 7,3   | 23,1  | 17,8  | 5,5   | -3,2  | 3,7   |
| Taxa Selic (% fim de período)             | 14,25 | 13,75 | 7,00  | 6,50  | 4,50  | 2,00  | 9,25  | 13,75 | 11,75 | 10,50 |
| Setor Externo e Câmbio                    |       |       |       |       |       |       |       |       |       |       |
| Balança Comercial - (US\$ bi)             | 13,7  | 40,2  | 56,0  | 46,6  | 35,2  | 50,4  | 61,4  | 61,8  | 98,6  | 81,0  |
| Conta Corrente (US\$ bi)                  | -54,8 | -24,5 | -22,0 | -51,5 | -65,0 | -24,5 | -28,1 | -56,0 | -28,6 | -39,9 |
| Investimento Direto no País (US\$ bi)     | 64,7  | 74,3  | 68,9  | 78,2  | 69,2  | 37,8  | 53,3  | 90,6  | 61,9  | 70,0  |
| Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período) | 3,9   | 3,3   | 3,3   | 3,9   | 4,0   | 5,2   | 5,7   | 5,3   | 4,8   | 5,30  |
| Fiscal                                    |       |       |       |       |       |       |       |       |       |       |
| Resultado Primário (% PIB)                | -1,9  | -2,5  | -1,7  | -1,5  | -0,8  | -9,4  | 0,7   | 1,3   | -2,3  | -0,7  |
| Resultado Nominal (% PIB)                 | -10,2 | -9,0  | -7,8  | -7,0  | -5,8  | -13,6 | -4,4  | -4,7  | -8,9  | -7,3  |
| Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)   | 35,6  | 46,1  | 51,4  | 52,8  | 54,7  | 62,5  | 57,2  | 57,5  | 60,0  | 64,0  |
| Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)     | 65,5  | 69,8  | 73,7  | 75,3  | 74,4  | 88,6  | 80,3  | 73,4  | 74,3  | 78,0  |



## Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688